

RESENHA BIBLIOGRÁFICA 9

MOTOYAMA, S. (org.). **Tecnologia e industrialização no Brasil: uma perspectiva histórica**. São Paulo, Edunesp; Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1994. 450 p. R\$ 28,00.

Constatar hoje - ao apagar das luzes do século XX e já aos albos do terceiro milênio para o mundo cristão - que o Brasil se modernizou modestamente, soa como uma afirmação pouco original. Uma assertiva, nas aparências simplória e óbvia, para se dizer o mínimo. Mas, que tal retroceder ao Brasil Colônia, ao Império ou, ainda, à República - seja ela Velha, Nova ou Novíssima - e observar que todo *tour de force* dos valorosos cientistas e tecnólogos tupiniquins foi incapaz de colocar o País na rota da modernidade e da modernização? Evidentemente, como a entendem e a praticam os países infensos às dolorosas marcas do Terceiro Mundo, onde sobretudo hoje as questões referentes à C&T (Ciência e Tecnologia) lideram o *ranking* das formas de produção do sistema capitalista. Vale lembrar que tal sistema é o que predomina no mundo atual, sobretudo pelo fato de o socialismo estar presente em apenas quatro países (Cuba, Laos, Vietnã e China).

Por acaso, seria demais imaginarmos que o Brasil poderia romper as peias do atraso, exatamente pelo ponto mais vulnerável da economia globalizada, ou seja a própria primazia da C&T? Evidentemente que não. Aliás, quem mostra os contra exemplos, com insofismável clareza, é o livro **Tecnologia e Industrialização no Brasil**, que conta com a singular e talentosa organização do Prof. Shozo Motoyama. Justificamos nossa assertiva: singular, por tratar-se de uma obra em que é analisada a aquisição e o desenvolvimento autóctone da C&T não pelo viés econômico - como sóe acontecer nas obras sobre o gênero, editadas no Brasil -, mas como um processo histórico e, por isso, possuidor de uma dinâmica própria. Talentosa pelo fato de haver sido estruturada por Shozo Motoyama, primaz da História da Ciência não só no Brasil, como muito provavelmente em toda a América Latina. Com efeito, já em 1989 Motoyama tornava-se, através de concurso público, o primeiro professor-titular da USP em História da Ciência.

Admiração acadêmica e intelectual pelo organizador à parte, é preciso que se acrescente tratar-se de um livro inovador no que se refere à análise da tecnologia e industria-

lização brasileiras. Em geral, o que se encontra disponível no mercado editorial local são obras escritas por economistas da linha monetarista e que, como tal, consideram que havendo capital financeiro, pode-se comprar tecnologia alhures. Trata-se, evidentemente, de uma visão no mínimo distorcida, pois tratando-se de um bem cultural, a tecnologia não pode ser comercializada como uma simples mercadoria. Sua eventual aquisição é regulada por mecanismos peculiares, mediante o qual importa muito mais conhecer e entender a lógica do processo - sempre através da formação de recursos humanos altamente qualificados -, que a interinação de bens com elevado conteúdo tecnológico desenvolvido, via de regra, no Exterior, por países altamente modernizados. Na raiz da questão, reside, em geral e sistematicamente para as nações de economia retardadária, o vezo da burocracia governamental, que trata a C&T muito mais como um problema de natureza retórica, que uma questão substantiva de formação de mão-de-obra local, capaz de entender aquilo que se está comprando. Esclareça-se que amiúde, sob a dolosa forma das palatáveis e sempre glamourosas "caixas-pretas", como bem ilustra, no Brasil, o lamentável exemplo de aquisição da Central Nuclear Angra I.

Tecnologia e industrialização no Brasil - alentada obra, cujo mérito maior é comprovar empiricamente que a tecnologia é um saber que se aprende e não uma mercadoria que se compra ou vende - elabora uma verdadeira radiografia das marchas e contramarchas nas tentativas de aquisição tecnológica brasileira, tanto nos setores tradicionais da economia, como em seus ramos mais dinâmicos. Com isso, são contempladas as áreas da indústria da construção civil, siderurgia, energia elétrica, o setor químico, o metal-mecânico, a área da biotecnologia, além do segmento das chamadas novas tecnologias. Como denominador comum e tema recorrente em todas as modalidades tecnológicas, temos a análise acurada de como o poder público central ignorou os esforços brasileiros, sempre em favor dos produtos e processos desenvolvidos exógenamente. Restou ao Brasil, com isso, sepultar os esforços dos cientistas, técnicos e tecnólogos locais. Na verdade, a obra encerra lições históricas que de-

veriam ser levadas em conta na formulação de uma política de C&T eficaz, tal como demonstra querer o recém empossado presidente Fernando Henrique Cardoso. Sobre tudo se confiarmos que a luta do atual mandatário da República sugere convergência para a efetiva e plena modernização do Brasil. Evidentemente, uma modernização diferente da postulada pelo deposto presidente Fernando Collor de Melo, para quem o sentido da modernização abarcava única e tão somente, a manobra ritual e burocrática de inserir a economia brasileira nos cânones tradicionais da divisão internacional do mercado de trabalho. Evidentemente que a

postura de Collor baseava-se na falsa premissa de que é possível a modernização econômica, sem que ela se processe, concomitantemente, nas áreas política e social. E o cuidado e a atenção com os três vértices do triângulo da modernização (social-econômico-político) é, no fundo, o que pretendemos seja contemplado e judiciosamente implementado na administração F.H.C.

Paulo Marques

The Annals of the Association of American Geographers:

RESENHA DO VOLUME 82, DE 1992

O volume 82 dos *Annals* contem 29 artigos que são listados com o nome do autor e com o título traduzido; 55 resenhas de livros de lançamento recente, das quais se destacará algumas; 3 resenhas de mapas; 4 comentários acerca de 3 textos publicados anteriormente, com réplicas dos autores; 1 editorial e o discurso da Presidente da A. A. G. de 1992 (os números entre parênteses são os das páginas inicial e final de cada texto referido).

Artigos

N.º 1 - Março

- BASSIN, Mark - "Determinismo Geográfico no Marxismo do Fim do Século XIX: Georgii Plekhanov e a Base Ambiental da História Russa" (3-22).

A concepção de um determinismo ambiental na geografia moderna, muito presente nas últimas décadas do século XIX e cujas origens remontam a autores da Antiguidade grega e do Iluminismo, tem sido rejeitada ao longo do século XX. Geógrafos soviéticos e mais recentemente geógrafos ocidentais marxistas e contextualistas têm denunciado essa concepção como componente de tentativas de justificação da dominação imperial européia de outros continentes. Mas uma concepção ambientalista mais ampla e preocupada com o desenvolvimento histórico das situações estudadas e com relações e mediações entre elementos do meio natural e a organização da sociedade não inclui necessariamente uma propensão ideológica pró-imperialista ou colonialista e foi mesmo incorporada por revolucionários anarquistas e por discípulos de Marx em suas análises e teorias sociais. Bassin, neste ensaio, aborda a dimensão ambientalista presente na obra do intelectual e teórico marxista da Rússia pré-revolucionária G. Plekhanov, como caso de emprego de uma concepção geográfica ambientalista sem compromisso com qualquer projeto de legitimação da dominação européia do mundo, mas buscando uma explicação científica do nível social, político e tecnológico primitivo da Rússia, em comparação com as modernas sociedades capitalistas da Europa Ocidental. Os avanços das ciências naturais, sobretudo os representados pelo darwinismo, influenciaram Marx e o pensamento marxista, desde Engels e Kautsky até Wittfogel; o A. inclui nesse grupo Plekhanov, de que expõe uma breve biografia, suas relações com a geografia da época, incluindo Réclus e Ratzel, e a orientação

que suas concepções tomaram face à análise geográfica. A realidade russa de fins do século XIX é resumida, bem como a tentativa de Plekhanov de incorporar a concepção ambientalista da geografia para demonstrar a aplicabilidade e relevância da análise social e econômica de Marx na compreensão do desenvolvimento da Rússia. Por fim o A. explora um paralelo entre a colonização de novas terras na Rússia e nos Estados Unidos, sugerido pelo próprio Plekhanov, e mostra suas semelhanças com a hipótese da "Fronteira" de expansão elaborada pelo historiador Frederick J. Turner para explicar o desenvolvimento da nação norte-americana. Na conclusão, lembrando a condenação da obra de Plekhanov durante o período do stalinismo e sua posterior reabilitação nos anos de 1960, Bassin adverte para que, embora uma história mais "contextual" da geografia seja positiva e mesmo necessária, só uma apreciação do desenvolvimento pleno do campo em seu contexto intelectual, evitando-se uma análise reducionista rígida e mecânica entre as idéias na ciência e as circunstâncias políticas, pode permitir uma compreensão apropriada desse desenvolvimento.

* * *

- LEINBACH, Th. R. , WATKINS, John F. & BOWEN, John - "Comportamento com relação a Empregos e a Família na Transmigração Indonésia" (23-47).

A transmigração planejada e financiada pelo governo indonésio de camponeses das congestionadas ilhas centrais para as ilhas mais externas do arquipélago, sobretudo Sumatra, corresponde a um esforço que vem desde o início do século. Um objetivo importante é estimular o desenvolvimento regional e criar oportunidades de emprego, mas o êxito de muitas famílias em esquemas individuais de colonização está claramente associado a uma participação predominante dos homens, chefes de famílias, em atividades não agrícolas, para assegurar sua sobrevivência. Com os objetivos principais de examinar a incidência e a estrutura ocupacional de empregos não agrícolas entre os transmigrantes e de explorar o efeito do contexto geográfico sobre o esquema de colonização por famílias individuais, os As. fazem levantamentos de dados por amostragem em algumas áreas do sul de Sumatra e, considerando algumas perspectivas teóricas, fazem uma análise dos dados e informações obtidos. Constatam que, embora a idade seja importante na explicação da incidência de empregos não agrícola-

las, o uso integrado dos recursos de trabalho das famílias é o elemento chave no entendimento do comportamento em relação a esses empregos. Sua contribuição é um exame de nível micro dos empregos não agrícolas; estudos adicionais de fatores espaciais, temporais e contextuais deverão ajudar na derivação de uma teoria mais ampla das economias camponesas.

* * *

- ELLIS, Mark - "Os Determinantes das Diferenças Regionais nos Índices de Greves nos Estados Unidos, 1971-77" (48-63).

O exame da distribuição regional das greves de trabalhadores industriais nos Estados Unidos entre 1971 e 1977 mostra altos índices nos estados industriais do Norte e índices baixos, médios e altos entre os do resto do país. Tema quase não investigado até uma década atrás, uma geografia do trabalho tem uma função de contrabalançar a análise predominante na geografia econômica de considerar a paisagem econômica como terreno incontestado das tomadas de decisão do capital; assim, se desenvolvem as áreas da geografia dos sindicatos, da formação de atitudes e de regiões "radicais" ou "militantes" e de uma geografia dos conflitos de classes e das desordens civís. As abordagens existentes identificam variáveis chaves a partir das teorias das tomadas de decisão de entrar em greve e propõem que suas diferenças regionais dão conta das variações regionais dos números de greves: a existência de diferentes indústrias misturadas; o nível dos salários e a existência ou não de desemprego; a formação de sindicatos e outros fatores político-legais, e por outro lado a presença de regiões militantes, lugares onde a história das relações industriais e de classes tenha produzido um meio com tendência às greves. O A. testa as hipóteses com um modelo de regressão dos índices de greves, com que analisa o número, a extensão, a duração e outras características de greves de diversas épocas e lugares. Conclui que a composição regional diversificada das indústrias, mais do que o contexto regional, é a causa dominante que explica o número de greves nas diversas regiões dos Estados Unidos.

* * *

- PLANE, David A. - "Mudança na Composição por Idade e a Dinâmica Geográfica da Migração Interregional nos Estados Unidos" (64-85).

A mudança da composição por idade da população do país contribuiu de modo importante para as mudanças recentes na migração inter-regional nos Estados Unidos. O momento atual de desconcentração inter-regional da população - pelo qual o movimento para fora a partir das áreas de aglomeração da época anterior no Nordeste e no Meio-Oeste para o Sul e o Oeste durante a década de 1970 mais do que triplicou em relação ao período entre 1955 e 1960 - é contrastado com os momentos anteriores de ocupação do território americano e do desenvolvimento econômico, cada um com suas próprias forças demográficas de larga escala subjacentes. Usando um modelo de decomposição espacial, o A. examina três hipóteses a respeito de como a mudança da composição por idade da população expressa seu efeito sobre a mudança do padrão das migrações, a partir da consideração da chegada à maioria, na década de 1970, da geração do *baby-boom* de após a II Guerra Mundial. E conclui destacando o peso das aptidões diferenciais dos mercados de trabalho regionais para acomodar a pressão da oferta de mão de obra causada pelos membros da geração pós II Guerra Mundial que procuravam ingressar, afirmar-se e progredir em suas carreiras profissionais, no processo.

* * *

- NORONHA, Valerian T. & GOODCHILD, Michael F. - "Um Modelo de Interação Interregional: Implicações para a Definição de Regiões Funcionais" (86-102).

Conceito básico do pensamento geográfico, o conceito de região foi desenvolvido e elaborado desde os séculos XVIII e XIX e à medida em que seu âmbito de aplicação se sedimentou ao longo deste século, se acentuaram os esforços para consolidar os conceitos que lhe são correlatos. Embora existam diversas concepções de região e de como elas podem ser delimitadas, aquela que mais resistiu a uma definição aceitável foi a de região funcional. Com este ponto de partida e incorporando a interpretação da regionalização como um procedimento de classificação em geografia, os As. destacam por um lado a associação da região funcional com a idéia de interação espacial seletiva, e por outro a importância das técnicas quantitativas que repousam no uso de computadores na regionalização funcional, que teria se concentrado no exame de matrizes de interação para descobrir essas estruturas espaciais. O artigo visa trazer uma contribuição para a regionalização objetiva, introduzindo um modelo para a conceituação e a delimitação de regiões funcionais com base na noção de interação. Para isso os As. repassam algumas das taxonomias conceituais clássicas das

regiões (a descritiva e a estrutural), e a literatura que nas últimas décadas tem tratado da delimitação de regiões; apresentam seu Modelo de Interação Interregional, proposto para explicar os amplos fenômenos de comportamento reconhecidos como distância funcional e regiões funcionais; com ele fazem simulações de interações regionais sob diversas condições, aplicando-o, por fim, numa repartição dos Estados Unidos, baseada em matrizes de migração de estudantes, em duas regiões funcionais, incluindo numa um conjunto de estados do Sudeste e na outra estados do Norte do país.

* * *

- HANSON, Brian, KLINK, Katherine, MATSUURA, Kenji, ROBESON, Scott M. & WILLMOTT, Cort J. - "Correlação Vetorial: Resenha, Exposição e Aplicação Geográfica" (103-116).

Apesar de estarem familiarizados com o uso de correlações, os geógrafos tem usado pouco as correlações bivariadas entre variáveis que podem ser expressas como vetores. Os As. buscam introduzir na literatura geográfica a idéia de correlação vetorial entre campos espaciais representados como vetores e expor um coeficiente de correlação vetorial particularmente útil para a geografia, dado que, como destacam, a importância geográfica dos vetores advem de que podem descrever movimentos através da paisagem e relações entre lugares. Depois de repassarem alguns princípios de correlação vetorial e a literatura a respeito, os As. expõem a correlação vetorial num contexto de regressão, abordando a regressão simples com variáveis representadas como vetores, a correlação sob rotação, a sob reflexão e a comparação entre essas últimas. Para ilustrar as possibilidades de uso dessas técnicas, comparam dados relativos a velocidade de ventos nos Estados Unidos em dois estudos de casos, concluindo pela plena confiabilidade e possibilidade de adaptação desses procedimentos na análise de problemas geográficos. Em apêndice oferecem uma listagem de equações algébricas para o cálculo dos coeficientes que postulam e uma bibliografia pertinente.

* * *

- ADAMS, Paul C. - "A Televisão como um Lugar de Encontro" (117-135).

Com o objetivo de examinar as muitas semelhanças entre a televisão e os lugares criados pelo homem e elucidar as implicações culturais de sua audiência, o artigo distingue

inicialmente três concepções de "lugar" com base em processos físicos, em integração social e na construção de significado e especifica a idéia da televisão como um lugar, um contexto social ou sistema delimitado de interação entre as pessoas e como um núcleo de significado em torno do qual se constroem idéias, valores e experiências compartilhadas. O A. revisa a interpretação dada pelos geógrafos aos modernos meios tecnológicos de comunicação, compara a televisão com outros *media* e analisa como funciona como um contexto social que proporciona comunhão e congregação sociais e como um centro de significados que auxilia a definição da identidade de grupos sociais ao conferir valores a pessoas e objetos e dando sustentação ao controle social hegemônico. A conclusão ressalta a posição da TV no centro da cultura moderna e sua relevância para o entendimento da separação de contextos físicos e sociais na vida moderna, na medida em que desempenha diversas funções simbólicas antes desempenhadas por certos lugares na sociedade.

* * *

-DORN, Ronald I., CLARKSON, Persis B., NOBBS, Margaret F., LOENDORF, Lawrence L. & WHITLEY, D. S. - "Uma Nova Abordagem para a Datação por Radiocarbono de 'Verniz' de Rochas, com Exemplos de Terras Secas" (136-151).

O artigo se centra na datação por radiocarbono, dentre os muitos métodos usados para estimar a idade das inclusões orgânicas, reveladas por microscópio eletrônico, retidas em bolsas de agregações escuras ou "verniz" de rochas, que também serve para datar amostras bastante pequenas de pinturas em rochas e películas de sílica, oxalato e carbonato de cálcio. A datação de detritos orgânicos internos às agregações de rochas expostas a processos geomórficos ou culturais por radiocarbono proporciona um novo método, melhor que os procedimentos químicos, com aplicação à geomorfologia, paleoclimatologia, arqueologia e outras áreas de pesquisa do Quaternário. Os cinco As. exemplificam o uso do procedimento em três estudos de casos de artefatos humanos e formas de terreno em terras secas no sul da Austrália, sul dos Estados Unidos e sul do Peru, cuja apresentação é enriquecida por imagens de microscópio eletrônico, tabelas e gráficos. Os resultados pilotos realçam o potencial da nova técnica em proporcionar idades mínimas de material superficial antes sem controle de idade e em tempo bastante curto e apontam para o próximo avanço, no sentido do uso de lasers para extrair inclusões orgânicas de amostras de cortes transversais.

* * *

No 2 - Junho

- DOBSON, Jerome E. "A Lógica Espacial na Paleogeografia e a Explicação da Deriva Continental" (187-206).

Os estudos de paleogeografia, deriva continental, expansão do leito dos oceanos, tectônica das placas e mecanismos causais subjacentes teriam seguido duas lógicas distintas: a lógica espacial, em que a morfologia, a distribuição espacial e a associação espacial seriam evidências primordiais dos processos terrestres em conjunto, e que leva a testes através de pesquisas orientadas para processos; e a lógica de processos, em que um conjunto selecionado deles leva à síntese de uma teoria geral, cujo teste remete à sua consistência espacial e temporal. A informação em ambas as lógicas pode ser a mesma, mas seu uso é diferente em cada caso; o A. sugere que o paradigma da deriva continental proposto por Alfred Wegener em 1912 numa lógica espacial pode ser comparado e contrastado com o da tectônica das placas, advindo da descoberta do alargamento do leito dos oceanos e concebido numa lógica de processos. Novas evidências morfológicas produzidas a partir de 1980 e a interpretação que sugerem de movimentos de rotação dos continentes levam a uma reinterpretação dos movimentos conjuntos e de rotação das placas tectônicas e a novas reconstruções paleogeográficas, como as que ligam o leste da América do Norte à costa sudeste da Austrália, e a uma nova configuração da massa terrestre numa "Pangea" diferente da sugerida por Wegener. Conclui que dessa hipótese de formação contínua emergiria uma nova teoria unificada da deriva dos continentes e seus mecanismos, num modelo de circulação que se distingue por propor que a convecção de material na astenosfera ocasiona movimento circular de placas na litosfera e que a gravidade impulsiona o movimento lateral das placas. Juntamente com resultados recentes da ciência planetária a respeito de Vênus, isso permitiria uma reabilitação da lógica espacial. A aceitação da nova teoria alteraria a compreensão dos processos de formação da terra e exigiriam o reexame das teorias anteriores da terra, dos oceanos e da atmosfera.

* * *

- PALM, Risa & HODGSON, Michael - "Seguro contra Terremotos: Divulgação Obrigatória e Resposta dos Proprietários de Imóveis na Califórnia" - (207-222).

O seguro contra terremotos pode reduzir perdas econômicas potencialmente desastrosas de instalações e equipamentos domésticos e é, portanto, um método primordial de atenuação dos efeitos econômicos negativos desses prejuízos. A decisão de adquiri-lo é um caso especial nos estudos gerais das respostas dos indivíduos às incertezas do meio ambiente. Um entendimento desse processo de decisão elucida os modos pelos quais a informação ambiental vem a se traduzir em mudança de comportamento. A legislação da Califórnia tornou obrigatória a divulgação da disponibilidade de seguros contra terremotos a todos os proprietários residenciais desde 1984, porém menos da metade deles os têm. Este artigo relata os resultados de um *survey* de 3.500 proprietários residentes nos condados de Contra Costa, Santa Clara, Los Angeles e San Bernardino levado a efeito no verão de 1989 para descobrir as concentrações de localização dos possuidores de seguros e as características sócio-econômicas, demográficas e das atitudes que distinguem proprietários segurados dos não segurados. Os resultados mostram que a aquisição de seguros não é ligada espacialmente ao risco geofísico nem está sistematicamente relacionada a renda, idade do chefe da família ou outras características sócio-econômicas, mas que, ao invés disso, o primeiro fator associado a ela é a percepção do risco e da vulnerabilidade pessoal e familiar pelo morador.

* * *

- GOLLEDGE, Reginald G., GALE, Nathan, PELLEGRINO, James W. & DOHERTY, Sally - "A Aquisição de Conhecimento Espacial pela Criança: Aprendizado de Percursos e Distâncias Relacionais" (223-244).

O artigo examina a aquisição de conhecimento espacial por meio dos processos de aprendizado de percursos. Para obter o maior controle possível no estudo do aprendizado nos meios efetivos, fez-se experimentos de campo usando uma vizinhança suburbana não conhecida por um grupo de crianças entre 9 a 12 anos de idade, cujos espaços de atividades são altamente orientados ao nível de suas vizinhanças. Além do aprendizado de percursos abrangendo múltiplas tentativas atribuíu-se tarefas que incluíam ações de reconhecimento, seqüenciação e estimativa de distância entre pontos, usando uma variedade de cenários de segmentos de percursos. As crianças de modo geral alcançaram o aprendizado de percurso depois de três tentativas e completaram com êxito as ações de localização e de seqüenciação de etapas. A maior dificuldade foi com as tarefas de estimativa de distâncias, particularmente quando as condições de

inclusão de segmentos eram violadas. As tarefas de esboço de mapeamento e de julgamento entre pontos claramente indicam que o grupo achou difícil integrar o conhecimento adquirido dos dois percursos separados mas parcialmente superpostos. Os resultados sugerem que o termo “conhecimento de percursos” é ambíguo, pois os indivíduos podem aprendê-los sem ter procedimentos definíveis para deslindar o conhecimento espacial básico contido nos percursos. Podem adquirir a habilidade para aprender e seguir um percurso entre uma origem e um destino enquanto os procedimentos para integrar esse conhecimento num entendimento do seu traçado pode estar ausente. Isso sugere que o desenvolvimento de estruturas de conhecimento de configurações não é uma consequência simples de sistemas declarativos de aprendizado e do conhecimento de procedimentos. Ressaltam os As. as implicações desses resultados para o processo de mapeamento cognitivo e a necessidade de entender o raciocínio espacial e suas fases de desenvolvimento.

* * *

-MacEACHREN, Alan M. - “Aplicação da Teoria do Aprendizado Ambiental à Aquisição de Conhecimento Espacial a partir de Mapas” (245-274).

Afastando-se dos estudos da aquisição do conhecimento ambiental que se concentraram nos resultados do comportamento num meio ambiente, o A. parte do ponto de vista de que o conhecimento ambiental depende de como é adquirido e processado mentalmente e que é crucial para as atitudes para com os lugares, a tomada de decisões com relação a eles e o comportamento dentro dos espaços. Defende assim uma teoria do desenvolvimento do conhecimento que encara sua aquisição como um processo gradual que começa com uma informação fragmentária e seletiva a respeito de um lugar, a qual aumenta no tempo e alcança uma representação cognitiva integrada. Para determinar a aplicabilidade dessa hipótese ao aprendizado a partir de mapas, empreende um experimento de apresentação de mapas com percursos segmentados, em três estratégias controladas e constata que há apoio para uma teoria da codificação dual do conhecimento espacial, em que as informações por analogia (imagens) e as proposicionais se incluem em mapas cognitivos. Seu estudo elucida tanto temas da aquisição e organização do conhecimento espacial relevante para geógrafos e cartógrafos como da psicologia ambiental, cognitiva e do desenvolvimento. Conclui que as evidências sugerem que as diferenças entre representações cognitivas derivadas de mapas e as derivadas do meio ambiente que

outros autores identificaram não se devem simplesmente a uma diferença de consideração holista de mapas e segmentária dos meios ambientes, mas a uma combinação de segmentação centrada em percursos que conduz à codificação de procedimentos.

* * *

- EGBERT, Stephen L. & SLOCUM, Terry A. - “EXPLOREMAP: Um Sistema de Exploração para Mapas de Coropletas” (275-288).

O artigo é uma apresentação do programa de computador EXPLOREMAP e da base de dados a ele associada, que os As. elaboraram no Departamento de Geografia da Universidade de Kansas e que estão à venda com a documentação de apoio por US\$6,00, podendo ser copiados e distribuídos sem pagamentos de direitos. Trata-se de um *software* para mapeamento interativo através de coropletas que permite aos usuários tanto desenhar mapas como explorar a base de dados subjacente a partir de um conjunto de recursos hoje usuais de operação que permite considerar os dados desde perspectivas variadas, em diferentes escalas, etc., e com resultados diferentes, sendo útil tanto no ensino como na pesquisa, para uso individual ou em grupos. Os As. descrevem as características do programa e a flexibilidade e a diversidade de tratamentos que seu conteúdo faculty; seu uso é previsto em equipamentos de padrões atualmente correntes em microcomputadores pessoais. Concluem ressaltando o potencial da exploração de dados espaciais em sistemas interativos cada vez mais aperfeiçoados e com melhores recursos, que incluirão animação, representação tridimensional e ligações com o GIS (Sistema de Informação Geográfica Internacional), que existe desde 1987.

* * *

Nº 3 - Setembro

(Número Especial do Quinto Centenário da Descoberta de Colombo - As Américas antes e depois de 1492: A Pesquisa Geográfica Atual)

- BUTZER, Karl W. - “As Américas antes e depois de 1492: Introdução à Pesquisa Geográfica Atual” (345-368).

A controvérsia em torno da celebração do Quinto Centenário da descoberta da América por Colombo identifica dois amplos temas de fundamental interesse para a geo-

grafia: a dizimação e o deslocamento de povos indígenas, que levaram à criação de novas paisagens humanas e culturais, e os impactos ecológicos relativos ao uso do solo indígena e colonial, como um prelúdio à transformação ambiental global introduzida pela Revolução Industrial. Este ensaio introdutório pelo Editor deste número especial resume as contribuições de dez revisões críticas ou de síntese que traz, situando-as num contexto mais amplo da pesquisa contemporânea, como uma rede de temas correlacionados centrados na América antes e depois de 1492. Esses temas incluem: as densidades das populações pré-colombianas, seu impacto ambiental e o mito dos índios como ecologistas; as intensidades de emprego de mão de obra e a sofisticação tecnológica da agricultura pré-colombiana em muitas áreas; as implicações humanas e o impacto sobre a paisagem da catastrófica diminuição da população dos indígenas; o processo de ocupação espanhola e a transformação da paisagem; difusão, continuidade e sincretismo nas paisagens residuais dos indígenas; as políticas e os impactos diferentes das colonizações francesa e britânica e a atenção comparativamente limitada dada às contribuições dos americanos nativos e dos africanos para a paisagem cultural da América do Norte; e as diferentes percepções, cartografias e geografias dos exploradores, dos povos indígenas e dos estudiosos europeus engajados na descoberta do Novo Continente. A discussão final identifica temas que não podem ainda ser adequadamente revisados, especialmente o impacto da ocupação colonial sobre o meio ambiente, enquanto distinto das consequências da Era Industrial, sua tecnologia e sua demanda por matérias primas. O debate suscitado pela Descoberta de Colombo pode e deve promover um novo enfoque da pesquisa geográfica acerca de questões culturais e ambientais que exigem vigorosa atenção .

* * *

- DENEVAN, William M. - "O Mito Primitivo: A Paisagem das Américas em 1492" (369-385).

Persiste o mito de que em 1492 as Américas seriam uma selva esparsamente povoada, um mundo no qual a intervenção humana era pouco perceptível. Todavia, há evidências substanciais de que a paisagem americana nativa dos inícios do séc. XVI era uma paisagem humanizada por quase toda parte. As populações eram grandes não somente no México e nos Andes, mas até em áreas aparentemente pouco atraentes como a da floresta equatorial superúmida da Amazônia e os desertos do Arizona. Havia sido modifi-

cada a composição das florestas, criados pastos e rompida a unidade da vida selvagem e a erosão era severa em alguns lugares. Aterros, estradas, campos cultivados e localidades de variadas dimensões existiam por todo o continente. Com a redução da população dos indígenas provocada por doenças do Velho Mundo, o meio ambiente se recuperou em muitas áreas. Assim, segundo o A., o mito de um mundo primitivo não pode ser sustentado e há uma boa argumentação no sentido de que a presença humana, apesar de uma pequena recuperação parcial, era menos visível em 1750 do que era em 1492.

* * *

- DOOLITTLE, William E. - "Agricultura na América do Norte na Véspera do Contacto: Uma Reavaliação" (386-401).

Apesar de incontáveis escavações arqueológicas em sítios agrícolas pré-históricos, o entendimento das práticas agrícolas dos norte-americanos nativos por volta de 1492 permanece imperfeito e as sínteses regionais dos padrões de uso da terra permanecem obscuras. Existe o problema de que o centro de interesse das escavações e dos levantamentos estava mais na função dos sítios do que na produção alimentar; mais nos remanescentes das plantas do que nas práticas de cultivo; e mais em hipóteses sócio-econômicas do que nas implicações humano-ambientais ou espaciais. Este artigo usa extensos relatos etno-históricos dos primeiros exploradores europeus para ajudar a identificar cinco diferentes tipos de métodos agrícolas em uso durante o período do contacto dos europeus com os povos pré-colombianos. O A. argumenta que as paisagens agroecológicas tanto das terras florestadas do Sudoeste como do Leste da América do Norte eram bastante complexas, em resposta ao mosaico de meios-ambientes existentes, e que a agricultura com uso intensivo de mão de obra era tão comum no Leste como no Sudoeste. Diferenças sutis de estratégias de irrigação eram de igual ou mesmo de maior importância do que a função óbvia de simplesmente proporcionar água em ambientes áridos: os cultivadores pré-colombianos construíram terraços no Sudoeste montanhoso, em parte para deter a degradação ambiental. Questionando a mudança dos produtos cultivados dominantes nas áreas florestadas do Leste, assinala que grandes áreas de vegetação primitiva destruída permanentemente cultivadas, campos elevados e diques indicam que as práticas intensivas eram comuns e muito difundidas nesta parte do continente. Por fim, argumenta que as culturas domésticas por todo o continente podem ter sido

cruciais, mais do que meramente suplementares, no esquema global da produção alimentícia indígena. Conclui observando que aspectos ecológicos, sociais e econômicos da agricultura nativa tem sido desprezados e que muito trabalho permanece por ser feito antes de se poder resolver muitas questões residuais a seu respeito.

* * *

-WHITMORE, Thomas M. & TURNER II, B. L. - "Paisagens Agrícolas na Mesoamérica às Vésperas da Conquista" (402-425).

Agrônomos ameríndios pré-colombianos desenvolveram tecnologias e práticas de organização da produção com que implantaram culturas agrícolas num amplo âmbito de condições ecológicas, dando origem a uma multiplicidade de paisagens cultivadas. Esta variedade foi particularmente evidente na Mesoamérica, onde as práticas agrícolas incluem até o cultivo múltiplo em terras úmidas e transformadas hidráulicamente. Os As. abordam essas paisagens cultivadas indígenas tal como existiram por volta do tempo da Descoberta de Colombo; ilustram isso através do exame de três setores das linhas de penetração espanholas iniciais através dessa região diversificada: a primeira se estende da costa do Golfo até o México Central; a segunda atravessa a Península do Yucatan de norte a sul; e a terceira sobe às terras altas da Guatemala desde a planície costeira do Pacífico. Em seguida, esboçam amplamente as principais mudanças que ocorreram nessas paisagens durante a primeira fase da dominação espanhola e algumas das forças que moldaram essas mudanças. Três processos foram especialmente importantes: a redução da população ameríndia, a introdução de biota e tecnologias exóticas e a reorganização da utilização da terra e da economia rural. Todavia, em última instância, resultaram paisagens "híbridas" reconfiguradas que refletiam a combinação das duas culturas. Por último, argumentam que a escala da transformação ambiental da agricultura ameríndia não tem sido sempre apreciada, sendo a escala da degradação ambiental associada à penetração espanhola por vezes superestimada e as ideologias contrastantes da natureza entre as duas culturas demasiado simplificadas.

* * *

- LOVELL, W. George - " 'Sombras Pesadas e Noite Escura': Doenças e Redução da População na América Espanhola Colonial" (426-443).

Um substantivo corpo de conhecimentos especializados hoje em dia permite reconhecer que as populações nativas da América declinaram subitamente de tamanho em seguida à conquista e à colonização européias. A magnitude precisa do colapso demográfico continua provocando um acalorado debate, mas vai emergindo um consenso que atribui a redução da população dos indígenas em grande parte à introdução de doenças do Velho Mundo. Muitos fatores ao lado das doenças importadas causaram a morte dos aborígenes, mas a doença provou ser o agente mais destrutivo de um complexo fatal. Este artigo examina o papel que a doença desempenhou na redução da população das Índias Espanholas, desde o primeiro contacto aos inícios do século XVII. A análise se centra em cinco contextos geográficos distintos: a ilha de Hispaniola, o México central, o Noroeste do México, a Guatemala ao sul da floresta chuvosa de Petén e os Andes centrais. Para cada um desses contextos o A. revisa a literatura que ilumina os problemas de dados, cronologia, impacto e identificação que tem marcado a discussão dos assuntos já por certo tempo. Em conclusão tenta situar descobertas regionais em contexto hemisférico e avaliar o status do fator das doenças na consciência trazida pelo quinto centenário.

* * *

- PREM, Hanns J. - "Colonização Espanhola e Propriedades dos índios no México Central, 1521-1620" (444-459).

Depois da conquista do México (1519-21), os espanhóis cooptaram as estruturas administrativas dos índios, permitindo ao Rei e ao novo governo colonial explorarem formas tradicionais de rendas regionais. Participantes chaves das campanhas militares foram premiados com direitos a tributos e impôs-se a conscrição limitada de trabalho (*encomienda*) da população índia de distritos particulares. Legalmente, a *encomienda* não conferia direitos de propriedade, mas os detentores do privilégio também receberam a maior parte das primeiras doações de terras e tiveram a vantagem de receber trabalho de concritos durante as estações do plantio e da colheita. À medida em que o sistema das *encomiendas* foi gradualmente reformado e depois suplantado, a agricultura e a criação de gado tornaram-se a maior fonte de renda rural para um número crescente de colonizadores espanhóis. As terras públicas foram cada vez mais concedidas como prêmio à elite colonial e de militares. Em seguida ao fracasso do experimento de Puebla (1531-34), voltado à criação de uma nova classe de agricultores com pequenas

propriedades, o trabalho agrícola foi relegado para os índios. O A., antropólogo alemão da Universidade de Bonn mostra como a propriedade se tornou o centro de competição entre espanhóis e índios, terminando com a expropriação das terras dos índios nos inícios de 1600. A doação de terras (*mercedes*) é explicada por três exemplos: a Bacia do México, o distrito noroeste de Puebla e o Vale do Toluca. Documentação de arquivos de doações de terras proporcionam ótimos recursos para se decifrar o processo histórico da colonização regional e se examinar o grau em que o sistema legal espanhol salva-guardava os direitos de propriedade dos índios. A expansão agrícola espanhola foi tornada possível pelo colapso demográfico índio, como resultado de epidemias recorrentes e foi facilitado pela unificação das comunidades índias (*congregación*); os processos e os padrões temporais de transferência de propriedades mostram semelhanças estruturais no México central mas a colonização das áreas periféricas foi mais diferenciada. Discute por fim os meios pelos quais as comunidades indígenas tornaram mais lenta a expansão espanhola e conclui que o padrão de expropriação dos índios foi estabelecido durante os primeiros cem anos, pondo em movimento um processo que culminou com as sólidas *haciendas* do século XIX, que precisa ser melhor estudado.

* * *

- GADE, Daniel W. - "Paisagem, Sistema e Identidade nos Andes Pós-Conquista" (460-477).

O artigo apresenta uma síntese do amplo impacto da penetração dos espanhóis no Novo Mundo para os Andes Centrais (Perú, Equador e Bolívia). Começando em 1531, os espanhóis trouxeram da Península Ibérica e da América Central elementos materiais de sua cultura que com o tempo foram adquiridos pelos povos nativos através tanto de imposição como de livre escolha. Plantas, animais e ferramentas foram seletivamente integrados aos sistemas agropastoris nativos e os elementos arquitetônicos aos padrões de ocupação da terra. Das perspectivas que filtraram o complexo de características rurais do Velho Mundo, deixando outras de fora, permitindo a outras passar com sucesso e serem adotadas, as mais importantes foram as condições que o meio-ambiente de terras altas impuseram e a competição a partir dos elementos existentes do complexo agrícola Andino já bem desenvolvido. A redução da população rompeu a unidade do agroecossistema nativo, e na reestruturação que se seguiu, bens e práticas europeus fo-

ram adotados junto com os dos indígenas. Em torno de uma dúzia de produtos agrícolas introduzidos pelos europeus se tornaram importantes entre os camponeses de uma lista total três vezes mais longa, mas os animais domesticados europeus contribuíram mais destacadamente para os seus meios de sustento. Essas contribuições bióticas do Velho Mundo tornaram-se justa-postas aos elementos nativos num complexo que se cristalizou entre 1550-1650. Com tipos de casas, materiais de construção e padrões de ocupação, as duas tradições se fundiram e grande parte dos Andes centrais desde então mudou relativamente pouco; a pobreza e o isolamento desempenharam o papel de tornar lenta a entrada da modernização nos Andes. Conclui o A. que é preciso analisar sem concepções deterministas a dimensão de adaptação nas transferências culturais intercontinentais ao redor do mundo no contexto do tempo, do espaço e dos lugares reais.

* * *

- EARLE, Carville - "Pioneiros da Providência: A Experiência Anglo-Americana, 1492-1792" (478-499).

A colonização inglesa da América do Norte sempre pareceu providencial para os herdeiros desse processo e por boas razões. Alertados por fim para as potencialidades do Novo Mundo pelos lucros dos piratas e encorajados pelas ousadas ações de Elizabeth e Francis Drake, os ingleses despertaram de seu profundo desinteresse pelas Américas e embarcaram numa aventura colonial de imensa e improvável proporção. Durante os dois séculos seguintes, entraram na disputa imperial pelo Novo Mundo; estabeleceram uma hegemonia sobre a costa atlântica da América do Norte; implantaram (nem sempre intencionalmente) uma profunda variedade de sociedades regionais vigorosas e economias comprometidas mais ou menos com o pluralismo etnocultural, com instituições capitalistas e com um crescimento demográfico e econômico exponencial. Ao final, capitularam diante da insistência revolucionária das colônias por independência em relação à Coroa. Quando, mais tarde, a nova nação foi impulsionada por uma revolução industrial, seus cidadãos foram preparados para acreditarem que de fato seu excepcionalismo teria sido favorecido por um sentido providencial e de um destino manifesto próprio da superioridade anglo-americana. O A. critica este ponto de vista, reavaliando as circunstâncias e os eventos da colonização e do desenvolvimento dos Estados Unidos, contrastando-os com a situação da colonização das outras áreas do continente e

mostrando como suas culturas e o momento histórico de sua busca de emancipação foram diferentes em moldar seu insucesso, pelo menos até o momento.

* * *

- ALLEN, John L. - "De Cabot a Cartier: O Início da Exploração do Leste da América do Norte 1497-1543" (500-521).

As reações iniciais dos europeus à descoberta de Colombo incluíram um processo de exploração que, no espaço de meio século, delineou as características geográficas básicas da costa atlântica da América do Norte. Esse processo exploratório foi condicionado pela "geosofia" ou as imagens das terras no Oeste do Atlântico que tinham os europeus antes de 1492 e pelo desejo de localizar um caminho marítimo para a Ásia. Os primeiros exploradores europeus a entrarem em contacto com a América do Norte o fizeram tão longe para o norte da área contactada por Colombo que suas viagens teriam quase certamente ocorrido independentemente do sucesso ou fracasso de Colombo. John Cabot e os irmãos Corte-Real exploraram a região de Labrador-Newfoundland já em 1497, buscando um estreito ao nível do mar através do qual acreditavam que teriam acesso a um arquipélago que levaria para a costa leste da Ásia. Explorações subsequentes feitas por Giovanni da Verrazzano e Jacques Cartier aumentaram o crescente estoque de informações geográficas e de imagens geográficas que se desenvolviam a respeito da América do Norte. A viagem litorânea de Verrazzano da Flórida ao Canadá e a entrada de Cartier pelo São Lourenço ajudaram a definir as características-chaves da costa atlântica do continente. As informações derivadas dessas duas viagens também ajudaram a perpetuar a crença num caminho ao nível do mar para a Ásia. Embora o primeiro meio século de exploração europeia do leste da América do Norte tenha resultado num retrato relativamente exato dessa região, o processo exploratório também contribuiu para um crescente corpo de geografia teórica e especulativa da Passagem Noroeste sobre a qual grande parte da exploração europeia até meados do século XVII se basearia.

* * *

- HARLEY, J. Brian - "Relendo os Mapas da Descoberta de Colombo" (522-536)

Os mapas feitos pelos europeus a partir dos contactos iniciais e da exploração das novas terras descobertas receberam uma avaliação histórica que buscava reconstruir os

caminhos, os locais de penetração e os de instalação dos invasores europeus. Foram estudados em grande parte para seu uso prático como instrumentos de navegação, como auxílio no encontro de caminhos sobre o território, nos planos para novas fortificações e cidades coloniais ou como imagens de propaganda pública para atrair novos colonos para as Américas. O artigo argumenta que o mapeamento americano nativo integrou o registro cartográfico do Descobrimento e que os mapas europeus do período podem ser vistos como enunciados de apropriação territorial, como reprodução cultural ou como recursos pelos quais uma presença americana nativa poderia ser silenciada. Estudos recentes de antropologia, história da arte e etnohistória identificam um corpo de mapas indígenas que representam cartografias "alternativas" válidas, diferentes dos mapas europeus, e todavia importantes na história da representação espacial. Na América Central a decodificação mais recente de elementos cartográficos em manuscritos genealógicos e históricos pré-conquista leva a uma revisão das idéias a respeito dos inícios da inovação cartográfica. Mesmo na América do Norte, onde tais artefatos são mais fragmentários, aumenta a percepção da presença universal de procedimentos de mapeamento num amplo âmbito de culturas. Na América Colonial, os mapas índios não somente ajudaram a guiar os invasores, mas as geografias índias foram incorporadas na elaboração de mapas europeus que se tornariam estereótipos do continente americano por grande parte dos séculos XVI e XVII. Também parece haver uma transformação ideológica no uso indígena dos mapas na medida em que os povos nativos procuravam resistir ao poder colonial com mapas que foram antes parte de sua cultura tradicional. O A. conclui que a maneira pela qual os mapas índios e europeus foram usados nas situações coloniais ressalta aspectos de intercâmbio cultural e da importância histórica da cartografia em seu papel de crucial agente na visualização e criação do espaço e na formação da identidade cultural e territorial.

* * *

- BUTZER, Karl W. & WILLIAMS, Barbara J. - "Adendo: Três Mapas Indígenas da Nova Espanha Datados de Cêrca de 1580" (536-542).

Trata-se da apresentação de três mapas indígenas, selecionados dentre 75 pinturas que acompanham *relaciones geográficas* oficiais preparadas no México em 1577-85, das quais 37 se encontram hoje na Universidade do Texas,

xas, que contém técnicas de representação cartográfica europeias, indígenas e mistas. As três ilustrações reproduzidas representam estágios de diversos níveis de significado incorporados pelas cartografias mesoamericanas; representam o plano de cidades, ilustram o sítio e a situação de cada uma e incorporam informações contidas em mapas indígenas e as fornecidas pelos nativos. O primeiro mapa, de Misantla, localizada a 112 km a noroeste de Vera Cruz, delinea uma paisagem visível; o segundo, de Zempoala, a 22 km ao sul do centro de mineração de Pachuca, no estado de Hidalgo, já traz componentes conceituais e uma simbologia indígena; e o terceiro é um mapa das cidades índias de Atengo e Mixquihuala, a 20 km ao norte de Tula, e é eminentemente conceitual. Ao final os As. apresentam uma breve interpretação da evidência neles contida, ressaltando a combinação de informação espacial, simbólica e histórica ao lado de detalhes topográficos e ambientais e da representação esquemática do ambiente construído.

* * *

-BUTZER, Karl W. - "De Colombo a Acosta: Ciência, Geografia e o Novo Mundo" (543-565).

A chamada Época dos Descobrimentos evoca imagens de viagens, de destrezas náuticas e de mapas. Todavia, a descoberta europeia das Américas também levou a um confronto intelectual com a história natural e com a etnografia de um "novo" mundo. Ao contrário do ponto de vista predominante de intensa curiosidade intelectual, este confronto trouxe novos métodos de descrição, organização, análise e síntese empíricas à medida em que o dedutivismo medieval e a ontogênese clássica e renascentista provaram ser inadequados. O ensaio procura mostrar como os agentes dessa descoberta (marinheiros, soldados, oficiais governamentais e missionários) deram sentido a essas novas terras e povos e realçar certas esferas metodológicas, examinando a obra de indivíduos exemplares que ilustram os diversos panos de fundo, habilidades e interesses característicos do período; os exemplos incluem as habilidades observacionais de Colombo em 1492, a taxonomia da paisagem de seu filho Fernando, a taxonomia biótica de Oviedo, os registros culturais de Sahagún, a geografia regional de Cieza, o amplo papel de Velasco tanto na síntese geográfica como no planejamento urbano ao nível governamental e finalmente o esquema científico abrangente da história natural e dos povos do Novo Mundo proposto por Acosta em 1590. As evidências reabilitam a reputação de Colombo que, como

tantos outros com pouco ou nenhuma educação formal, tinha uma capacidade espontânea para observar e descrever. O A. tenta identificar a origem dos estereótipos relativos aos nativos e destaca os notáveis estudos feitos com "gente de dentro" das culturas americanas que, no caso de Sahagún, representam até uma interpretação semiótica da cultura e da paisagem que deverão atrair reavaliações. Embora Sahagún e Acosta tivessem educação formal, ressalta que o confronto com novos meios ambientes e povos não familiares provavelmente colocou observadores com formação rural em posição igual à dos instruídos em currículos acadêmicos tradicionais. Por fim, assinala a enormidade da documentação primária, compilada por aqueles informantes e estudiosos espanhóis durante o século depois de 1492, a maior parte da qual ainda esperando uma reinterpretação geográfica.

* * *

- JETT, Stephen C. & WOOD, Joseph C. - "Resenha de uma Exposição em Museu e de Livro"

Trata-se de comentário a respeito da Exposição "As Sementes da Mudança: 500 Anos do Descobrimento e de Intercâmbio", no Museu Nacional de História Natural da *Smithsonian Institution*, de Washington, D.C., ocorrida entre outubro de 1991 e abril de 1993, e da resenha do livro de Herman J. Viola & Carolyn Margolis (Eds.) - *As Sementes da Mudança: Uma Comemoração do Quinto Centenário*, coletânea de ensaios lançada para acompanhar aquela exposição.

[Cabe destacar para o leitor interessado que este número dos *Annals* foi também publicado na forma de livro pela Blackwell Publishers americana, em edição brochura com preço de US\$13,00.]

* * *

No 4 - Dezembro

- WEASTCOAT Jr., James L. - "Temas Comuns na obra de Gilbert White e John Dewey: uma Avaliação Pragmática" (587-607).

Gilbert White, geógrafo por muito tempo ligado à Universidade de Chicago e de postura ambientalista, exerceu uma profunda influência sobre a pesquisa de recursos naturais e dos riscos de catástrofes naturais, mas não há uma

avaliação bem feita da perspectiva que orientou sua obra; sua abordagem tem muitas afinidades com a tradição pragmática do pensamento social norte-americano, em especial com a obra de John Dewey. O A. compara quatro principais temas comuns às obras de White e de Dewey, que assim indica: a precariedade da existência humana num meio ambiente hostil, a concepção pragmática da pesquisa científica, o aprendizado partir da experiência e a atuação política, o discurso público e as condições da democracia. Para cada tema procura mostrar como semelhanças e diferenças entre os dois autores podem auxiliar a esclarecer algumas controvérsias no interior da geografia e a sugerir caminhos para futuras pesquisas.

* * *

- ZURICK, David N. - "Viagem de Aventuras e Turismo Sustentado na Economia Periférica do Nepal" (608-628).

As análises geográficas do turismo tradicionalmente se centram nos fluxos de turistas, no desenvolvimento das áreas de turismo, no planejamento regional e nos impactos do turismo sobre os meios ambientes e as culturas locais; na década de 1980, além do turismo convencional ou de massa, novas formas ganharam importância: o ecoturismo, o turismo étnico e o turismo de aventuras, ligadas à promoção de relações interculturais, da conservação do meio ambiente e de uma melhor distribuição dos lucros que proporcionam. O papel do turismo de aventuras no desenvolvimento econômico de lugares remotos do mundo e seu impacto sobre a sociedade, a economia e o meio ambiente locais ainda não foram inteiramente compreendidos, muito embora tenha sido adotado entusiasticamente por muitas nações do Terceiro Mundo. O artigo analisa o turismo de aventuras no Nepal e o coloca nos esquemas teóricos dos modelos do turismo e do desenvolvimento sustentado; a partir da teoria de centro-periferia, propõe um modelo dos elos espaciais das viagens de aventuras, que associa as remotas fronteiras do Nepal com a economia do turismo mundial. Por este modelo, os turistas de aventuras se movimentam através de uma hierarquia de roteiros de viagens antes de alcançar os lugares das aventuras, que incluem jornadas em áreas montanhosas, excursões em florestas de terras baixas e viagens de canoa, em meio a populações isoladas e de economia de subsistência. Esse movimento produz uma estrutura única de espaço turístico que por sua vez contribui para a formação no Nepal de desenvolvimentos regionais tais como os de cidades montanhosas de passagem, os locais do turismo

na interlândia e as áreas de parques de múltiplos usos. Um modelo do impacto do turismo de aventuras relaciona os problemas do turismo associados às capacidades ambientais e dos meios sociais e inclui também impactos mais positivos ligados à convergência dos interesses da economia nacional do Nepal, das populações indígenas, dos turistas e do desenvolvimento da preservação ambiental. O A. conclui que, com seu rápido crescimento, o turismo de aventuras no Nepal poderá desempenhar um papel cada vez mais importante para o desenvolvimento nacional e local das áreas de fronteiras.

* * *

-PICKLES, John & WOODS, Jeff - "Os Territórios Autônomos da África do Sul na Época da Reforma: O Caso de QwaQwa" (629-652).

A revogação das Leis de Terras, o abandono da legislação de Registro da População e o movimento para reincorporar os territórios dos "estados independentes" à África do Sul significam que o status político dos bantustões está em vias de se mudar mais uma vez. Criações artificiais do estado de *Apartheid*, em sua origem os assim chamados estados nacionais autônomos e independentes ganham agora crescentes níveis de materialidade com que os oponentes do sistema e os futuros governos terão que lidar. Vistos como territórios regionais constituídos e separados étnicamente, governados por lideranças locais semi-autônomas, ou como reservatórios de mão de obra, locais de reprodução social e de despejo do excedente populacional, com uma função importante no processo de acumulação de capital num estado racial, os bantustões vieram ainda a ser caracterizados como sistemas de governo artificiais produzidos ideologicamente que apresentariam poucas qualificações de verdadeiros estados mas que seriam fomentados pelo estado central e mantidos pelo domínio despótico de uma pequena elite negra cooptada. O artigo documenta a geografia da fase de mudança de seu status político durante o período da "reforma" (1978-91) através do estudo de caso de QwaQwa, o menor dos bantustões, que ilustra particularmente bem este processo dual de construção da paisagem e da formação de classes e dos modos pelos quais poderes de estado nacionais e locais alteraram a geografia desses territórios nos anos recentes, nos quais emergiram claramente uma política clientelista de dominação, uma burocracia estatal local e interesses industriais e comerciais. Os processos resultantes e os efeitos da diferenciação social e espacial e o conse-

qüente novo esquema de poder em QwaQwa colocam importantes questões acerca das políticas para os bantustões na atual fase pós-apartheid.

* * *

- COHEN, Saul B. & KLIOT, Nurit - "Nomes de Lugares na Luta Ideológica de Israel pelos Territórios Administrados" (653-680).

O artigo trata do papel simbólico dos nomes de lugares como expressões de valores ideológicos: seriam elementos simbólicos da paisagem que refletem sentimentos e metas locais e nacionais abstratos ou concretos; no caso de Israel, a seleção dos nomes dos lugares tornou-se um instrumento de reforço das ideologias sionistas nacionais rivais. Dois principais temas relativos a nomes de lugares de Israel estão implícitos nessa competição: a mensagem de essencialismo ou continuidade e o epocalismo ou mudança. O essencialismo se expressa nos nomes de lugares hebraicos e numa variedade de outros símbolos que projetam Israel como o único herdeiro da Terra Santa. Neste contexto, os nomes de lugares bíblicos ou talmúdicos são reintroduzidos ou reforçam os laços entre a comunidade judaica de Israel e a terra, tal como enfatizado pelo partido Likud quando no poder, em aliança com a ala religiosa ortodoxa e os partidos nacionalistas de extrema direita. O epocalismo se expressa através de nomes de lugares que refletem os modernos valores da ocupação sionista e dos heróis militares, ou a renovada integração dos judeus com sua terra através da identificação com a natureza; esta foi a abordagem dos fundadores do estado de Israel, que continuou enquanto o partido Trabalhista estava no poder e provavelmente será reintroduzida com seu retorno. Os As. exploram o processo de nomeação de lugares como um mecanismo para a transformação da paisagem dos territórios ocupados por Israel na Gerra dos Seis Dias de 1967: o Golan, Gaza e a Margem Oeste do Rio Jordão; nessas regiões o conflito entre símbolos nacionais judeus e árabes ou palestinos é mais agudo e as diferenças dentro dos dois campos sionistas quanto à relação futura desses territórios com o estado de Israel são as mais pronunciadas.

* * *

- NIJMAN, Jan - "Os Limites da Superpotência: Os Estados Unidos e a União Soviética a partir da II Guerra Mundial" (681-695).

As superpotências são de importância crucial para a regulação dos assuntos globais: desde a II Guerra Mundial, os Estados Unidos e a União Soviética impuseram uma ordem bipolar que teve repercussões de âmbito mundial. Agora que a Guerra Fria terminou e a União Soviética se desintegrou, os olhos do mundo voltam-se para os Estados Unidos, como a única superpotência restante e para o seu papel na "nova ordem mundial". Embora haja muitos estudos sobre as superpotências, muito poucos tratam teórica e empiricamente da interrelação entre elas e o cenário político global; o artigo propõe um esquema teórico geral para o estudo dessa questão, apresenta uma análise empírica que cobre a época da Guerra Fria desde 1948 até 1988 e discute as constatações à luz dos atuais debates a respeito do unilateralismo dos Estados Unidos no mundo pós-Guerra Fria. O ambiente político global funcionou como uma arena para a competição EUA-URSS mas ao mesmo tempo impôs limites às superpotências: terceiros países, ao invés de serem meros peões na disputa entre elas, tornaram-se cada vez mais influentes, desestabilizaram a relação entre elas e uma das consequências disso foi que os períodos de détente não puderam ser mantidos. Agora, depois da Guerra Fria, conclui o A. que os Estados Unidos se defrontam com seu próprio declínio relativo e com a perda do controle do cenário político global.

O Discurso da Presidente da A. A. G. foi publicado no no 4, de dezembro:

* * *

- HANSON, Susan - "Geografia e Feminismo: Mundos em Colisão?" (569-586).

A geografia e o feminismo são duas forças intelectuais poderosas de modo geral hoje em dia. São elas duas forças que podem se comunicar efetivamente uma com a outra para construir uma compreensão mais rica da vida sobre a terra ou são dois mundos separados em confronto? A A. explora três tradições analíticas centrais que vê como comuns à geografia e ao feminismo: a descoberta de significações na vida cotidiana, a apreciação da importância do contexto e a reflexão sobre a diferença. Com exemplos tomados de estudos de mercados de trabalho locais ilustra como a colisão entre a geografia e o feminismo não provocou uma explosão destrutiva mas em vez disso iluminou a maneira como pensamos a respeito dos gêneros, como pensamos a respeito dos lugares e como pensamos a respeito do traba-

lho. Argumenta que, devido a geografia e o feminismo compartilharem de certas tradições intelectuais, as duas áreas de pesquisa devem, uma vez que começam a se abrir e a aprender uma em face da outra, não apenas transformar uma à outra mas também contribuir com importantes novos *insights* a respeito do mundo.

* * *

Editorial

BRUNN, Stanley D. - "Estamos Deixando de Notar Nossas 'Florestas' e Nossas 'Árvores' ? É Hora de um Censo" (no 1, 1-2)

O texto é um convite à reflexão sobre o que os geógrafos americanos estão investigando e como poderiam se conduzir como membros de uma disciplina sólida e valiosa no próximo milênio. Editor dos *Annals* desde 1988, Brunn viu-se diante da indagação: "Por que recebemos tantos artigos sobre mudanças na agricultura do Nepal e dos Andes? Não há ninguém estudando as mudanças na economia agrícola da Europa Ocidental e da América do Norte?" Constatando entre outras coisas que dois terços dos artigos que recebeu para publicação eram a respeito dos Estados Unidos e que 90% eram escritos por norte-americanos, pôde listar dezenas de temas importantes sobre os quais nada recebera e muitos sobre os quais pouco se sabe. Embora considerando que é preciso respeitar a diversidade de metodologias e de paradigmas, indaga se não está havendo omissão por negligência, se gastando uma quantidade desproporcional de recursos humanos e financeiros estudando temas de importância relativamente secundária, enquanto temas cruciais estariam sem ser explorados. Crê que um painel detalhado do que os pesquisadores estão fazendo seria útil para profissionais *seniors* e *juniors*, ao proporcionar um estado da situação do campo ou seu "estado da arte", inclusive porque revelaria o que não se está estudando; ter-se-ia assim uma referência para orientar o desenvolvimento de prioridades e uma agenda de pesquisas para as próximas décadas, o que asseguraria que se exploraria tópicos legítimos e oportunos e que se dedicaria energia a uma atividade de pesquisa que deixaria menos vazios no campo efetivamente estudado da disciplina; para isso se poderia explorar mecanismos como estímulos ao ensino, financiamento, etc. E propõe que diretores de publicações e de agências financiadoras publiquem um panorama anual das propostas de bolsas e manuscritos submetidos, que poderia ser comparado com um esquema de prioridades de pesquisa na disciplina a ser

preparado por um grupo de *scholars* de alto nível a partir de grupos de especialistas e outras fontes interessadas; se os grupos de especialidades publicassem um suplemento anual no *Geography in America* que fosse um levantamento junto a seus membros de suas publicações, ter-se-ia uma informação que poderia ser disponível *on line* por cada geógrafo. Com isso poder-se-ia avaliar no que se está contribuindo para o avanço de nossa disciplina enquanto medido por aquilo que se publica nas revistas acadêmicas especializadas e gerais.

* * *

Resenhas

Das resenhas contidas neste volume, mencionamos aquelas dedicadas aos seguintes livros:

- Manuel Castells - *The Informational City: Information Technology, Economic Restructuring, and the Urban-Regional Process*, por James Eflin (nº 1, 152-54);
- Eugene D. Genovese & Leonard Hochberg (Eds.) - *Geographic Perspectives in History*, por Peter J. Taylor (nº 1, 163-4);
- Peter Haggett - *The Geographer's Art*, por Michael F. Goodchild (nº 1, 169-71);
- Mark Monmonier - *How to Lie with Maps*, por Harm J. de Blij (nº 1, 175-6);
- Allan Pred - *Making Histories and Constructing Human Geographies: The Local Transformation of Practice, Power Relations, and Consciousness*, por Cole Harris (nº 1, 176-7);
- Douglas Porteous - *Landscapes of the Mind: Worlds of Sense and Metaphor*, por Kenneth E. Foote (nº 1, 177-80);
- Hellen Meller - *Patrick Geddes: Social Evolutionist and City Planner*, por Walter G. Hardwick (nº 2, 327-9);
- Leon Zonn (Ed.) - *Place Images in Media: Portrayal, Experience, and Meaning*, por Robert D. Sack (nº 2, 341-2);
- Roger Brunet & Olivier Dollfus - *Mondes Nouveaux*, por Peter Gould (nº 4, 707-9);
- John G. Galaty & Douglas L. Johnson (Eds.) - *The World of Pastoralism: Herding Systems in Comparative Perspective*, por Marvin Mikesell (nº 4, 707-9);
- Peter G. Rowe - *Making a Middle Landscape*, por Edward Relph (nº 4, 730-2);
- James E. Vance Jr. - *The Continuing City: Urban Morphology in Western Civilization*, por Peter G. Goheen (nº 4, 739-40).

* * *

Resenhas de Mapas

Dada a recente publicação de mapas morfológicos e de superfície de terreno que representam inovações carto-

gráficas, com uso em ensino e pesquisa, o Editor dos *Annals* esclarece que encomendou uma resenha e apresentações pelos autores de seus produtos.

* * *

- LEWIS, Peirce - "Introduzindo uma Obra-prima Cartográfica: uma Resenha do Mapa de Terreno Digital dos Estados Unidos do *U. S. Geological Survey*, elaborado por Gail Thelin & Richard Pike" (n° 2, 289-300)

Apresentação das três edições do mapa Thelin-Pike, com reprodução reduzida do sofisticado mapa em imagem digital com relevo sombreado dos limites dos Estados Unidos, do mapa hipsométrico elaborado a partir do anterior publicado pela Raven e de duas seções do primeiro, uma das quais comparada com o mapa de Raisz de 1940.

* * *

- PIKE, Richard J. & THELIN, Gail P. - "Visualizando os Estados Unidos em Claro-escuro por Computador" (n° 2, 300-2).

Comentário pelos autores sobre os procedimentos seguidos na elaboração do mapa apresentado na resenha anterior, suas características e seu significado cartográfico.

* * *

- ALLAN, Stuart - "Notas de Desenho e Produção do Mapa Digital de 1:3.500.000 dos Estados Unidos para a Raven Map Editions" (n° 2, 303-4).

Comentário sobre alguns tópicos e critérios considerados na elaboração do mapa antes resenhado, na versão do *USGS* e nas duas da Editora Raven.

Os **Comentários** foram publicados no n° 2, de junho (305-319): "Homens de Palha Constróem Casas de Palha?" por Allan Pred e "O Pósmoderno Treinado/Estranhado" por Matthew Hannah & Ulf Strohmayr, ambos dirigidos ao artigo de Michael R. Curry "Pósmodernismo, Linguagem e as Vozes do Modernismo", publicado nos *Annals* de junho de 1991 (vol. 81, n° 2, 210-228) [resumido à pg. 124 do n° 7 desta *Revista*] e com uma "Réplica" de Curry.

"Comentário" por Leonard Guelke, dirigido ao artigo de Cole Harris "Poder, Modernidade e Geografia Histórica", publicado nos *Annals* de dezembro de 1991 (vol. 81, n° 4, 671-683) [resumido à pág. 128 do n° 7 desta *Revista*] e com uma "Réplica" de Harris.

E "Comentários" por Arthur Krim, dirigidos ao artigo de Stephen C. Jett "Novo Informe acêrca da Geografia das Zarabatanas e suas Implicações para os Primeiros Contactos Transoceânicos", publicado nos *Annals* de março de 1991 (vol. 81, n° 1, 89-102) [resumido à pág. 123 do n° 7 desta *Revista*] e com uma "Réplica" de Jett.

Mario A. Eufrásio